

O que Quer e o que Pode Essa “Gente das Maravilhas”: a Experiência da Formação de Narradores Oraís na UEFS no Contexto de Pandemia

*What this “Wonder People” Want and What They Can Do:
the Experience of The Formation of Oral Narrators
at UEFS in the Pandemic Context*

ISSN 2177-8310
DOI: 10.18264/eadf.v12i3.1911

Resumo

O presente artigo tem a intenção de apresentar reflexões em torno de uma experiência na área da formação de narradores oraís, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no contexto de pandemia, com o objetivo de compreender como a transposição didática desenvolvida no referido componente curricular, durante o Período Letivo Extraordinário (PLE), acolheu os princípios da Educação On-line e mobilizou saberes que garantiram a qualidade dos processos de ensino aprendizagem levando em consideração tempos síncronos e assíncronos, promoveram o planejamento do espaço tempo das aulas com a colaboração de parceiros diversos, especialmente de professores que detinham saberes capazes de promover a interface das salas de aula on-line e não perderam as relações de afeto tão comuns entre professores e estudantes durante as aulas presenciais. Para isso, foram destacados aspectos sinalizados pelos estudantes que dizem respeito à constituição do ofício do narrador em momentos presenciais e no ciberespaço, assim como a descrição reflexiva da elaboração dos produtos finais da formação que se configuraram como uma série em *podcast* e uma outra em vídeo.

Palavras-chave: Formação de narradores oraís. Educação on-line. Formação em contexto de pandemia. *Podcast*. Produção de vídeo.

Luciene Souza Santos^{1*}

Bruno Westermann¹

Simone Marques Braga¹

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana. Av. Transnordestina, s/n – Feira de Santana, BA – Brasil.

*lsantos@uefs.br

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: SANTOS, L. S.; WESTERMANN, B.; BRAGA, S. M. O que Quer e o que Pode Essa “Gente das Maravilhas”: a Experiência da Formação de Narradores Oraís na UEFS no Contexto de Pandemia. *EaD em Foco*, v. 12, n. 3, e1911, 2022. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v12i3.1911>



Recebido 01/08/2022
Aceito 12/08/2022
Publicado 17/08/2022

What this “Wonder People” Want and What They Can Do: the Experience of The Formation of Oral Narrators at UEFS in the Pandemic Context

Abstract

This article intends to present reflections around an experience in the area of training oral narrators, at the State University of Feira de Santana (UEFS), in the context of pandemics with the purpose of understanding how the didactic transposition developed in that curricular component, during the Extraordinary School Period (PLE), welcomed the principles of On-line Education and mobilized knowledge that ensured the quality of teaching-learning processes taking into account synchronous and asynchronous times, promoted the planning of the space-time of classes with the collaboration of various partners, especially teachers who held knowledge capable of promoting the interface of on-line classrooms and did not lose the affectionate relationships so common between teachers and students during face-to-face classes. To this end, we highlighted aspects pointed out by the students regarding the constitution of the narrator's craft in face-to-face moments and in cyberspace, as well as the reflective description of the elaboration of the final products of the training that were configured as a podcast series and another one in video.

Keywords: *Training of oral narrators. On-line education. Training in a pandemic context. Podcast. Video production.*

1. Introdução

A partir de março do ano de dois mil e vinte (2020), o Brasil entrou em estado de isolamento social, e essa situação se alargou por muitos meses por conta da crise sanitária mundial gerada pela COVID-19. Durante esse período, muitas classes trabalhadoras foram fortemente atingidas, a exemplo dos artistas, cujo ofício por natureza integra pessoas em espaços físicos que ficaram fechados por um bom tempo. Com tal situação posta, muitos desses profissionais precisaram se reinventar na mesma medida em que a sociedade passou a carecer ainda mais da arte para atravessar o momento inédito e difícil vivido por todos. Nessa hora, a tecnologia foi uma aliada para aproximar as pessoas e por meio dela, a arte do contador de histórias, objeto desse estudo, também se reinventou para atender a sociedade e a sua inserção aos novos tempos.

Assim como os artistas, os educadores também redimensionaram as suas práticas e isso gerou dúvidas e apreensões no momento de pensar a transposição didática (CHEVALLARD, 1991) das experiências presenciais para os espaços virtuais. Embora aulas on-line não fossem uma novidade, na maioria das universidades públicas essa não era uma realidade tão corriqueira e algumas inquietações passaram a fazer parte do cotidiano de estudantes e professores, entre elas: Como não perder de vista a qualidade dos processos de ensino-aprendizagem levando em consideração tempos síncronos e assíncronos? Como planejar o espaço tempo das aulas com a colaboração de parceiros diversos já que muitos professores não dominavam a interface das salas de aula on-line? Como não perder as relações de afeto tão comuns entre professores e estudantes durante as aulas presenciais?

Essas foram questões postas no momento em que a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) havia articulado ações capazes de manter a sua comunidade acadêmica conectada e em funcionamento

por meio do que chamou de Período Letivo Extraordinário (PLE) onde, professores e estudantes experimentaram outra maneira de estabelecer relações de ensino e aprendizagem mediada por tecnologia e, com isso, puderam descobrir um jeito outro de atender às questões relacionadas a ensino, pesquisa e extensão. E foi nesse contexto, com o intuito de dar continuidade à formação de Narradores Orais na UEFS, que docentes e discentes se reuniram e constituíram uma equipe multidisciplinar, que planejou um conjunto de ações capazes de dar conta da formação do artista (o contador de histórias) para atuar no ciberespaço.

Com a sistematização do PLE, foi possível ofertar a disciplina optativa LET683 – Tópicos Especiais de Estudo em Música II, que se converteu em uma oferta híbrida e foi ao mesmo tempo um curso de extensão “Formação de Narradores Orais: Conta Comigo!”. O curso de extensão ofertou trinta (30) vagas para a comunidade interna e externa da Universidade e a disciplina optativa LET683 ofertou trinta (30) vagas para estudantes das licenciaturas de Letras, Música e Biologia. Essa experiência derivou da oferta presencial de EDU925 – Formação de Contadores de Histórias: Conta Comigo!, que acontece de forma presencial desde 2014 e que se efetiva em uma parceria com o Colegiado de Música da UEFS.

A partir dessa oferta promovida por quatro professores (dois do Departamento de Educação e dois do Departamento de Letras e Artes), algumas preocupações surgiram: com a pandemia, só seria possível contar histórias na tela, mas como o corpo do contador poderia se comportar no ciberespaço? Por quais formatos digitais seria possível narrar sem perder de vista a conexão entre o narrador e o ouvinte? As respostas só apareceram quando o trabalho começou a ser implementado e as experiências formativas vivenciadas, mas antes foi preciso olhar para os estudos sobre Educação On-line (SANTOS; SILVA, 2009) e para a experiência dos artistas da palavra oral que vinham se reinventando no contexto de pandemia e que conseguiram manter a sua arte em pleno funcionamento.

2. Metodologia

2.1 Alinhando a rota: repensando a função do contador de histórias e as expectativas dos cursistas em relação ao componente curricular

Walter Benjamin já anunciava em sua obra “O Narrador” que a figura do contador de histórias ia desaparecer. O advento da globalização e o avanço das tecnologias também sinalizavam o silenciamento do narrador, especialmente dos tradicionais, mas o que temos visto de fato é uma busca pela voz desse artista, tanto em escolas, bibliotecas, livrarias, universidades, feiras, festas literárias, quanto nos lugares onde a literatura e as poéticas orais moram. Mas também outros espaços têm buscado um retorno às tradições, um resgate da memória afetiva, a exemplo das redes sociais e outros ciberespaços capazes de integrar pessoas que acreditam na preservação dos bens simbólicos anunciados pelos contadores de histórias. Assim como a história da sociedade muda no corpo do tempo e, com ela, os aspectos sociais e culturais de uma época, assim também se transforma a arte do narrador, no intuito de dar respostas a cada realidade que passa a surgir. Não há extinção; há transformação.

Não se pode entender o ofício de contar histórias na contemporaneidade como uma sobrevivência do passado no presente que, por sua vez, está em vias de superação. O ato de contar histórias é parte de um contexto histórico e social que, ao se modificar, modifica suas manifestações culturais. Nem tampouco, deve-se acreditar que a cultura popular e o ato de contar histórias como uma manifestação dela, não tenha força de sobrevivência diante da modernidade. Os meios de comunicação contemporâneos e os novos cenários de produção do trabalho e do lazer trazem uma transformação, um impacto que não extermina a arte narrativa. (ROCHA, 2010, p. 115)

Mesmo em meio à vida moderna, onde a produção de conhecimento é constituída de maneira diferente, o homem não aprende apenas no contato direto com o outro, mas também na individualidade, em tempo real ou virtual, síncrono ou assíncrono, na relação com a máquina, com o outro e com os saberes constituídos com os quais dialoga ao longo do tempo. Para Rocha (2010, p. 119),

[...] é um desafio para o contador [...] devolver as características de oralidade ao texto da tradição oral que está escrito. É preciso saber que o conto da tradição oral passou por um processo de mutação, para se transformar em linguagem escrita. Logo, ao ser devolvido para a oralidade, este deve despir-se desta linguagem e voltar a ter as características de discurso oral. Portanto, os percursos de aprendizagem dos contadores [...] diferem da forma de aprender dos narradores tradicionais.

É por isso que, mesmo havendo uma mudança na forma com que o contador de histórias cumpre o seu papel na contemporaneidade, as narrativas continuam sendo contadas com a mesma emoção que outrora: na sociedade de tradição oral, com as narrativas domésticas, aprendidas no seio da comunidade e transmitidas de geração em geração e nas sociedades contemporâneas, onde as formas de aprendizagem perpassam os mais variados portadores textuais e o formato das oficinas é a maneira mais usada para disseminar essa arte, com uma única diferença entre eles – a plateia.

Narrar deixou de ser somente uma atividade restrita ao espaço doméstico, com propósitos iniciáticos ou educacionais, de caráter intimista, e passou a ter o status de arte, passou a ser considerado “um evento artístico”, como informa Busatto (2011, p. 49). A função do contador de histórias contemporâneo se configurou em servir ao conto, ao texto, mas também em dar um caráter estético à palavra através da performance artística, e é essa uma das características que demonstram a metamorfose pela qual passou o narrador oral e que fez com que ele contrariasse a ideia de extinção prevista por Benjamin (1994). O narrador, nesse caso, se confunde com a própria arte, carregada de plurissignificações e funções, e acompanha as mudanças ocorridas na sociedade que, em nosso caso, traz a marca dos comportamentos transformados pela relação do homem com a tecnologia.

A função do contador de histórias contemporâneo está ligada com o mundo letrado e com as novas tecnologias digitais, na expressão artística, educativa e cultural bem como na manutenção da arte da palavra como lugar de expressão viva do povo, seja por meio da literatura escrita, seja por meio da literatura oral. Acredito que o narrador é mesmo um animador! O contador de histórias é um arauto, mensageiro da boa nova sob a concepção de verdadeiro humanismo por meio das histórias. Animador vem de anima e significa “alma”. É o contador de Histórias que nos enche as palavras da alma. (Estudante A, entrevista realizada em 22/01/2020)

A função do contador de histórias é alcançar o ouvinte, pois em meio a um mundo tecnológico veloz, o público tende a ter pressa, e só momentos com um bom contador para trazer a escuta sensível que a humanidade carece. (Estudante B, entrevista realizada em 22/01/2020)

Compreendendo que talvez, por isso, os narradores estejam tão presentes nos grandes centros urbanos na contemporaneidade e, junto a eles, estejam também os ouvintes, interessados tanto nas narrativas orais apresentadas pela performance do contador de histórias quanto nas publicações teóricas e literárias, espetáculos em áudio e imagem em toda sorte de espaços etnoformativos, foi possível desenvolver práticas capazes de mobilizar um grupo de estudantes a pensar as razões que os levaram a se constituírem como “gente das maravilhas” (MATOS, 2005). Para isso, quatro professores, cinco estudantes e um

servidor técnico se uniram e formaram a equipe multidisciplinar que estruturou a experiência formativa do componente curricular “Formação de Narradores Oraís: Conta Comigo!” que teve carga horária de 60 horas, distribuídas em ambiências formativas como o *moodle*, plataformas de videoconferência (*meet* e *zoom*) e redes sociais (*facebook*, *instagram*). Essa equipe planejou o curso em parceria e desempenhou papéis distintos no acompanhamento dos estudantes que produziram dois objetos de aprendizagem: uma websérie e um *podcast*.

O planejamento estruturado se organizou em torno de duas vertentes: o plano de curso do componente curricular EDU925 e as experiências dos anos anteriores, onde se garantia a performance do contador de histórias ao final do curso, no espaço performático do palco. A partir daí, o desenho didático do Ambiente Virtual de Aprendizagem (*moodle*) foi estruturado e as aulas remotas começaram a se desenvolver respeitando os diversos formatos previstos que iam de *lives* nas redes sociais até as videoconferências mais fechadas para o grupo. Nesse período, foi possível receber narradores mais experientes que estavam vivendo a transição dos palcos para as telas e outros que vieram falar dos processos formativos que vinham promovendo e vivenciando durante o isolamento social.

O componente curricular destinou um tempo para o estudo da teoria relativa ao ofício do contador de histórias, como também dedicou parte da carga horária para as práticas de produção de vídeo e *podcast*, produto final do curso. A equipe multidisciplinar se preocupou ainda em atender as expectativas dos cursistas no que tange às motivações que os levaram ao desejo de se constituírem contadores de histórias e, para isso, preparou atividades voltadas para rememoração dos afetos dos narradores em relação aos seus grãos, exercitou modos de narrar oriundos das técnicas teatrais e empreendeu o estudo do repertório a ser narrado com base na estética da recepção literária:

Queria aprender a contar histórias de uma forma mais encantadora e melhorar minhas técnicas de contação e o meu repertório. (Estudante C, entrevista realizada em 22/01/2020)

Eu quero despertar meu ouvinte para escuta sensível, dar voz ao texto, provocá-lo a ouvir-se dentro das histórias, percebendo a relação que eles têm em comum. Por isso, eu quero estudar o texto para que a minha voz ecoe dando vida para ele. Uma história contada de coração transmite emoção e sensibilidade a quem a escuta. (Estudante D, entrevista realizada em 22/01/2020)

As histórias nos levam a aprender com várias experiências vivenciadas pelos personagens, nos ajudam a lidar com técnicas de interpretação e a mergulhar em outras culturas que podem nos tornar pessoas melhores aguçando a nossa memória, contribuindo para preservar a cultura oral. Por isso eu quero contar histórias. (Estudante E, entrevista realizada em 22/01/2020)

Foi necessário também garantir que todos os envolvidos no curso tivessem acesso à internet e dispositivos que possibilitassem a interação entre a turma que, em muitos momentos, precisaria se reunir em grupos menores para ensaiar as histórias a serem narradas na websérie. Além disso, foi necessário familiarizar os cursistas com as inúmeras interfaces utilizadas na produção de conhecimento do componente curricular que teve uma avaliação de cunho formativo, tendo como foco a aprendizagem do estudante e o comprometimento com o seu desempenho e a sua construção de saber.

2.2 O Narrador oral do ciberespaço: a produção de *podcasts* de contação de histórias

Se a contação de histórias deixou de ser somente doméstica e intimista, e se o narrador passou a frequentar outros espaços, foi natural que esses elementos fossem incorporados ao programa deste componente curricular. Foi estabelecido que uma das produções resultantes dessa experiência seria uma coletânea de histórias gravadas em áudio pela própria turma, utilizando técnicas e princípios da produção de *podcasts*. O objetivo não era apenas registrar em áudio uma história, mas de produzir uma obra no formato de áudio com características próprias inerentes ao formato de *podcast*, como a utilização de trilhas sonoras e efeitos sonoros, além de recursos de edição e manipulação do som gravado. Trabalhar a contação de histórias tendo o som como elemento expressivo que contribui para a narrativa.

A produção dos *podcasts* começou algumas semanas depois do início da disciplina, num momento em que aspectos da prática da contação de histórias já haviam sido abordados pelas professoras. Nesta etapa, então, houve maior concentração no processo técnico e artístico da produção em áudio.

Este trabalho foi estruturado a partir de três princípios. O primeiro é o de que toda a pessoa que assiste a filmes, séries, novelas e ouve *podcasts* tem familiaridade com a maneira como a música e os sons de maneira geral são trabalhados em obras narrativas. Assim, ao longo do trabalho cada estudante foi estimulado a entender essas referências e mobilizá-las para a produção de uma história a partir daquilo que lhe era mais familiar. Este estímulo foi realizado tanto por meio de aulas expositivas quanto durante as aulas práticas em que era necessário tomar decisões artísticas sobre o que fazer em cada trecho da história narrada.

Mobilizar e compreender essas referências foi bastante útil, mas também foi necessário selecionar e definir quais sons e músicas seriam utilizadas para contar a história. E este é o segundo princípio deste trabalho. Ao longo do trabalho, a turma foi estimulada a escolher uma história para narrar e definir em que momentos seriam inseridos efeitos e trilhas sonoras e que características deveriam ter - sons de vento, chuva, ondas do mar; músicas de aventura, de amor, de comédia, etc. Existem diversos bancos de dados *on-line* que disponibilizam efeitos sonoros e músicas livres de direito autoral para *download*, que normalmente são usadas para produções de áudio e vídeo desta natureza. A turma foi apresentada a estes bancos de dados e orientada sobre como navegar por eles e encontrar exemplos que servissem para o que desejavam expressar nas suas histórias.

O terceiro princípio fez referência ao desenvolvimento de habilidades para operar programas de gravação e edição de áudio, e assim manipular todos os sons em função da narrativa desejada. Esta foi uma etapa mais técnica, onde a ênfase estava nos procedimentos necessários para gravar, modificar e combinar sons. Ainda assim, estas habilidades técnicas devem sempre estar a serviço da expressividade artística. Nesse caso, o desenvolvimento dessas habilidades foi guiado pelas referências que cada pessoa tem e aquilo que desejava expressar com suas histórias - ou seja, os outros dois princípios nos quais este planejamento se baseou. A ideia não era condicionar a produção da turma a um conjunto de habilidades pré-determinadas, mas deixar que a criatividade e o desejo individual de se expressar guiassem a aprendizagem de cada estudante.

Estes três princípios se materializaram em aulas, às vezes, de caráter predominantemente expositivo, e outras vezes, encontros síncronos exclusivos para tirar dúvidas, orientar questões técnicas sobre o processo de gravação e fazer comentários pontuais sobre os processos criativos. Um elemento determinante no desenvolvimento desta proposta foi a formação de grupos de estudantes - normalmente de quatro integrantes -, que serviriam como primeira fonte de consulta em caso de dúvidas e dificuldades, antes que o professor fosse procurado. Por diversos motivos diferentes, percebemos que sempre há estudantes que já possuem alguma experiência com o processo de gravação e edição de áudio, ou que têm familiaridade com recursos tecnológicos de maneira geral, e por este motivo são totalmente capazes de auxiliar colegas

com alguma dificuldade. Por ser uma turma grande, realizando trabalhos individuais em uma oferta de disciplina totalmente remota, estes grupos de apoio foram centrais no desenvolvimento do trabalho.

Por ter sido orientada por um professor de Música, esta etapa do trabalho fundamentou-se na Educação Musical colaborativa que se revela a partir da cultura digital, e pode ser analisada a partir de seus pressupostos. Segundo Beltrame (2018), a cultura digital no campo da música se constrói a partir das interações que ocorrem entre as pessoas em função dos ambientes virtuais e das possibilidades da manipulação de arquivos de áudio - tal qual foi realizado nesta atividade. Operar este tipo de ferramenta, além de viabilizar processos específicos de criação musical, promoveu aprendizagens baseadas no compartilhamento de informações e na colaboração entre pares. Como o material bruto desta atividade era totalmente digital (programas utilizados, gravações dos/as estudantes, músicas e efeitos sonoros selecionados), tudo era passível de ser compartilhado e manipulado a qualquer momento. Isso significa a possibilidade da troca de referências e de arquivos de sons que podem servir para as histórias de diferentes estudantes; significa que as habilidades de um/a estudante podem estar a serviço das histórias de outro/a; e significa, principalmente, que uma história pode ser compartilhada com os colegas antes de estar finalizada e pode ser alterada de acordo com os comentários de outros. Ou seja, o processo torna-se colaborativo e a aprendizagem acontece a partir dessas interações.

Após finalizadas, as histórias foram compartilhadas em um fórum no ambiente virtual da disciplina (*moodle*). O que mais nos chamou a atenção nos produtos finais apresentados foi a diversidade expressiva que as histórias possuem, o que reforça a importância do trabalho dentro de uma perspectiva de criação autoral, interativa e colaborativa. Sem um desenho didático descentralizado, teria sido impossível abordar todas as técnicas de manipulação de áudio empregadas por eles para expressarem suas ideias na contação da história. Se a turma estivesse limitada apenas às orientações dadas pelo professor, também seria limitado o exercício da criatividade e, por consequência, a aprendizagem.

2.3 A produção de vídeos de contação de histórias

Posterior à experiência da produção de *podcasts*, como mais um resultado da oferta da formação de narradores orais no formato virtual, foi idealizada uma segunda produção, desta vez agregando ao áudio, à imagem e outros recursos tecnológicos, por meio da produção de vídeos de contação de histórias. Entretanto, surgiram algumas questões para o planejamento e desenvolvimento dessa produção, a exemplo de: como contar histórias em ambientes virtuais? Como produzir vídeos – incluindo gravação e edição – com a narração de histórias? Essas questões nortearam a realização dessa atividade que consistiu na produção de uma série de vídeos com recontos de textos do livro *Contos e Lendas da Terra do Sol* de Marco Haurélio e Wilson Marques (2019), performados por grupos formados por quatro participantes.

Em se tratando da condução didática para essa produção por uma professora também da área de Música, com experiência na proposição e edição de vídeos de performances musicais, que passou a desenvolver no período pandêmico, foi proposta a colaboração no componente com orientações para a produção dos vídeos de contação de histórias, realizada em pequenos grupos, com os recontos das narrativas pertencentes ao repertório das tradições orais do Brasil.

Embora as orientações específicas com relação aos modos de narrar em ambientes virtuais terem sido de responsabilidade dos professores responsáveis da criação, gestão e condução do componente, a colaboração da professora complementou essas orientações ao apresentar aos estudantes alguns programas para o registro/gravação e edição, bem como outros recursos disponíveis a serem explorados. Tais elementos influenciam diretamente nos modos de narrar a começar pela questão da delimitação do tempo. Acerca disso, Camini e Santos (2011, p. 6) sinalizam que:

[...] considerando o mundo globalizado e moderno, na sociedade da informação todos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar e a aprender; a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social. Perpassamos pelo mundo das tecnologias, onde o tempo, o espaço, a comunicação acontecem em questão de segundos.

Outro aspecto a ser considerado na produção de performances com o uso de recursos audiovisuais para circulação de histórias via redes sociais diz respeito ao uso do corpo. Se presencialmente o/a contador/a pode se valer de todo o corpo como uma extensão e/ou recurso para performar, virtualmente, a partir da telinha das redes, seja por meio do computador, smartphone ou tablete, esse uso se limitou a movimentos da cabeça e membros superiores, sendo fundamental a exploração da expressão facial, da voz e de outros recursos sonoros possíveis. Embora, tanto presencialmente como por meios digitais, o grande desafio de contadores/as de histórias continue a ser ativar o fascínio e o imaginário do ouvinte.

Sem estas imagens o conto perderia a graça e o fascínio, e para que elas surjam no imaginário do ouvinte com toda a força que elas trazem consigo é preciso que antes elas sejam visualizadas por nós, na nossa tela inteira, com tanta precisão, que ao narrá-las elas criem vida e se materializem no espaço (BUSATTO, 2003, p. 54).

Tendo esse contexto em perspectiva, para a produção dos vídeos foram adotadas as seguintes estratégias, a saber: 1) formação dos grupos com quatro participantes cada; 2) escolha das histórias a serem contadas coletivamente; 3) realização de ensaios nos quais os/as estudantes receberam orientações desde o processo de produção da narração de contos em ambientes virtuais, passando pela gravação e edição das histórias contadas. Essa produção ocorreu a partir do desenvolvimento da “Oficina de Produção de Vídeos”, realizada na plataforma Zoom, escolhida previamente para ser o espaço do componente/curso devido à possibilidade de gravação coletiva, realizada na versão gratuita da plataforma, com a duração de até 40 minutos. A oficina foi desenvolvida em três encontros, seguidos de ensaios previamente combinados, com a participação dos professores responsáveis.

A dinâmica para os ensaios finais foi eficaz, pois se pôde acompanhar o desenvolvimento de cada grupo, além de ofertar sugestões e esclarecer dúvidas. Esse acompanhamento possibilitou verificar a aproximação e, conseqüentemente o entrosamento dos/as estudantes com a plataforma Zoom para explorarem formas de narrar as histórias, fazendo uso de distintos recursos, desde materiais a exemplo de objetos que ilustravam a história ao uso de diversas expressões faciais, bem como nuances vocais. A partir da gravação, os materiais foram editados e, posteriormente, socializados no grupo fechado da disciplina alocado no *facebook*.

Com essa experiência os narradores em formação entenderam a necessidade de circular nas redes, especialmente no período, mesmo sendo parte de uma sociedade pós-moderna, onde a tecnologia impele e as relações estão cada vez mais líquidas, as narrativas orais não são excluídas das práticas culturais das comunidades; ao contrário, elas conduzem o ser humano a um mundo de encantamento. Ao ouvir os narradores onde quer que eles estejam, muitas pessoas relatam que voltam à infância, pois suas lembranças são acionadas, elas resgatam a memória afetiva, ou, como revela Gislayne Matos (p. 23, 2005), percebem que “algo na natureza humana, com raízes bem plantadas num mundo mágico e encantado, parece guardar-se intocável”. Talvez seja por isso que a busca pelos contadores de histórias seja cada vez mais frequente, pois as pessoas parecem estar à procura de uma experiência transformadora que as narrativas de tradição oral são capazes de promover.

3. Conclusões

Mesmo que as histórias se manifestem em um contexto diferente de como acontecia nas sociedades tradicionais, onde um narrador oral costumava contar, no contexto familiar, com poucos ouvintes, mesmo que o contexto hoje seja, geralmente, o de muitos ouvintes – por vezes desconhecidos – em torno de um só narrador, o caráter pessoal e o afeto continuam sustentando a relação entre quem conta e quem ouve, transformando todos, preenchendo algo que ficou perdido nas raízes existenciais do homem contemporâneo. E esse foi um dos resultados percebidos depois do ciclo vivenciado no componente curricular LET683 durante o PLE. Embora as pessoas tenham experimentado a formação de narradores por meio das telas, o afeto que integra contadores de histórias e seus ouvintes não se perdeu com a tecnologia e as emoções mobilizadas pelas narrativas em cursos presenciais também foram preservadas no formato remoto.

A função do contador de histórias continuou perpassando o sagrado, a busca do homem pelo próprio homem, ativando os arquétipos da criação do mundo, conseqüentemente, de si. Esse narrador usou a voz, a palavra, para criar imagens, personagens, enredos, cenários, histórias improváveis, absurdas, que provocaram e suscitaram a imaginação criadora do ouvinte. Ele viveu, mesmo pelas telas, em outro tempo, onde os cliques das máquinas congelaram os momentos da convivência, onde as relações virtuais se estabeleceram com a mesma força que as reais:

Hoje não há mais a música do tear entrelaçando as histórias que se contavam como cânticos de trabalho. Também há a distância e o tempo empurrando os olhos para as imagens prontas e as palavras frouxas que não acendem a imaginação. (SISTO, 2012, p. 23)

Mesmo assim, nem por isso deixaram de exercer o poder da palavra, de agir como seus antepassados fizeram, quando teciam sonhos e bordavam, com as suas narrativas, o consolo necessário à cura das dores e aflições de seus ouvintes. O contador de histórias formado durante o PLE olhou nos olhos dos seus ouvintes imaginários e se tornou, a partir dessa cumplicidade, o elo entre a narrativa e quem os escuta nas redes:

Quem conta tem que estar disposto a criar uma cumplicidade entre história e ouvinte, oferecendo espaços para o ouvinte se envolver e recriar. Esses espaços de locomoção do ouvinte dentro de uma história podem ser construídos pelas pausas, por silêncios, ações, gestos e expressões, de forma harmônica. O contador de histórias não pode ser nunca um repetidor mecânico do texto que escolheu contar. Como garantia de uma narração viva estão elementos, como originalidade, surpresa, conflitos instigantes, questionamentos nas entrelinhas, a agilidade da contação e a expressividade. (SISTO, p. 2012)

É, mais uma vez, há a ideia de Benjamin, que não cansamos de repetir: “Contar histórias sempre foi à arte de contá-las de novo”. (1994, p. 203). E nessa experiência que se tratou de um movimento de resgate, em que esse narrador recuperou a própria infância e as histórias fundantes que o marcaram, o mundo letrado no qual se viu envolvido, carregado de histórias lidas ou narradas oralmente, ou a falta dele; foi um momento de busca pela própria história de vida e, nesse caso, todo tipo de evento que ativou a memória afetiva e o ajudou a perceber a própria trajetória foi bem-vindo, mesmo não sendo ele um contador de “berço” (GIRARDELLO, 2007, p. 24).

Como bem diz Sisto:

Quando optamos por contar histórias, optamos por uma série de resgates: recuperar nossa infância e as fogueiras invisíveis que sempre imaginamos, a magia ideal para acender uma história; reencontrar nossos folguedos, medos (por que não?), mitos e, assim, refazer nossa trajetória afetiva; redefinir nossa imagem social diante daquilo que nos tornamos, visitar nossa ação de cidadania para redimensionar nossas crenças na palavra como gesto sonoro capaz de se propagar ao infinito e incitar mudanças; remexer nossa imaginação com cargas sempre maiores de liberdade; recompor o lugar de seres criadores que todos ocupamos no mundo. Tarefa nada simples. Ainda inconclusas, uma vez que seguimos sendo esboços de inúmeros desejos e projetos. E é pelo desejo de falar com o outro que levantamos a voz. E a matéria do nosso sonho – que a princípio pode parecer fugaz, já que o ato de narrar oralmente não se perpetua no tempo e no espaço – só encontrará eco se levar, num próximo passo, o ouvinte ao livro. Aí sim, ao refazerem suas histórias de leitores, o contador de histórias ocupará, nessas biografias, um lugar especialmente resguardado pelo coração. E que toda essa fala aqui venha legendada pela urgência de novos contadores de histórias. (2012, p. 26-27)

E mesmo aqueles que não foram afortunados, que não trouxeram as marcas dos que garantiram a memória das leituras, do convívio nas festas e outras reuniões sociais – mesmo os que se sentiram diante de um papel em branco, quando a pergunta foi “quem lhe contava histórias? Ou qual foi a primeira ouvida por você?” – mesmo esses, se prestaram atenção e aguçaram os ouvidos, puderam “ouvir como as ruas sussurram suas histórias” e tiveram matéria-prima para “contar, emendar, conhecer a tessitura” das narrativas orais (GIRARDELLO, 2012, p. 25). Quando aguçaram os ouvidos, eles perceberam que já nasceram contando histórias de vida – as que os antecederam e as que irão sucedê-los. Essas foram narrativas com enredos variados e personagens que se uniram através de um fio que evoluiu o tempo inteiro, num movimento de causa e efeito. Foi a vida do outro que exigiu um saber mais apurado, uma consciência de narrar:

Pronto! Temos aí elementos suficientes para organizar a narrativa de uma vida: um contexto, o conhecimento praticamente inerente de que podemos relatar as coisas que nos acontecem; uma noção da ordem, da sequência, do encadeamento dos fatos numa linha contínua e ininterrupta que faz o estágio inicial ser distinto do estágio final, porque sempre sujeito às mudanças, próprias de um percurso: fato é soma!

[...] Essa condição de ser portador de uma história todo homem tem! Essa noção de **sujeito-narrador** é própria de quem aprendeu a pensar a sua história! (SISTO, 2012, p. 83)

Foi por conta disso que a crença na capacidade narrativa de todo e qualquer sujeito sustentou a formação aqui analisada: todos aqueles que foram capazes de se emocionar com as histórias narradas pelos colegas, ao mesmo tempo, foram capazes de recontá-las e provocar novas marcas em quem as escutou. Com suas histórias bem contadas de “cor” – de coração –, esses narradores encontraram cumplicidade em diversos escutantes e, por certo as emoções ali suscitadas foram-se expandindo para além do momento da contação, foram ecoando por muito mais tempo que o da própria narrativa, pois estabeleceram pontos de intersecção entre suas histórias pessoais, provocando, ajudando a acordar sensações adormecidas e emoções que ocuparam lugar no interior de cada ser.

A experiência do contador, acumulada nos encontros do PLE, repercutiu no coletivo que ali esteve e na produção do *podcast* e da série em vídeo, por isso, esse narrador foram foi capaz de levar as narrativas adiante, num “largo campo de mobilidade” (SISTO, 2012, p.85).

A verdade – geográfica e temporal – das marcas em movimento deixadas no ouvinte-narrador também sustentou a arte de contar histórias e garantiu a perenidade das narrativas, desse patrimônio cultural de um povo. Eles continuaram a viver nas experiências recontadas por seus antepassados e compartilharam uma humanidade com as novas gerações que ali vivenciava uma crise pandêmica mundial, e isso espelhou uma presente condição humana. Eis o mistério que provocou as pessoas a desejarem ouvir e contar histórias. Nesse sentido, Peter Brook, citado por Brant, ensinou a todas essas pessoas que:

Um dos maiores encenadores e pensadores do teatro contemporâneo, Peter Brook, conta no livro “A Porta Aberta” suas experiências observando a prática dos contadores de histórias tradicionais da Índia, Irã e Afeganistão, que mantêm vivos os mitos ancestrais. Com um misto de alegria e gravidade, os velhos narradores não perdem nunca a relação com seus ouvintes, não para agradá-los, mas para partilhar com eles as qualidades sagradas do texto. Os grandes narradores nunca perdem o contato com a grandeza do mito que estão fazendo viver: “Tem um ouvido voltado para o seu interior e outro para fora.” Assim Brook sintetiza a maior lição dos velhos narradores: estar em dois mundos ao mesmo tempo.

O narrador artístico sabe transitar por esses dois mundos e sabe também que ele é responsável por criar um terceiro mundo, imaginário. O espaço de construção conjunta da história, espaço de comunhão com os indivíduos da plateia onde de fato da ação do conto acontece. A terceira margem da cena. (BRANT, 2011, p. 69)

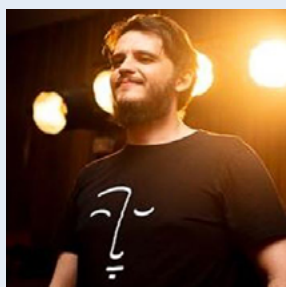
Biodados dos Autores



SANTOS, L. S. é Professora Titular do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), onde se encontra credenciada no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Completou o seu doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Seus interesses de pesquisa incluem Literatura Oral, Leitura, Literatura Infantil e Juvenil, Formação do Leitor e EaD, com destaque para os estudos da Narração Oral de Histórias. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Oraís/UEFS onde coordena a pesquisa Cacimba de Histórias: Vidas e Saberes de Contadores de Histórias Tradicionais de cidades do interior da Bahia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6751-1070>

EMAIL: lssantos@uefs.br



WESTERMANN, B. é professor Adjunto do Departamento de Letras e Artes (Área de Música) na Universidade de Feira de Santana (UEFS). Completou o seu doutorado na Universidade de Federal da Bahia, no ano de 2017. Atualmente é coordenador do projeto de pesquisa “Investigações sobre Música e Plataformas Digitais no Brasil” e seus interesses de pesquisa incluem Música, Educação e Cultura Digital; Música e Processos de Plataformização; Ensino de Música e Processos de Plataformização. Na graduação, atua como professor de componentes curriculares das áreas de Música e Tecnologia, Educação Musical, Estágio Supervisionado e Prática de Conjunto.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1116-3863>

E-MAIL: bruno.westermann@uefs.br



BRAGA, S. M. é professora do Departamento de Letras e Artes na Universidade Estadual de Feira de Santana Completou o seu doutorado na Universidade Federal da Bahia. Seus interesses de pesquisa incluem formação inicial e continuada de professores de música, ensino de música escola, ensino de instrumentos, performance musical e interdisciplinaridade em Artes, com destaque para formação de professores de música. Esteve envolvido em projetos de extensão envolvendo performance musical e projetos de pesquisa a exemplo do projeto multicêntrico “Música na escola: investigando práticas pedagógicas musicais”.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0264-9036>

EMAIL: ssmmbraga@uefs.br

Referências

- BELTRAME, J. A. Práticas e aprendizagens de produtores musicais: aspectos de uma educação musical emergente na cultura digital e participativa. **Revista da Abem**, v. 26, n. 41, p. 40-55, jul./dez. 2018.
- BENJAMIN, W. O narrador. *In*: BENJAMIN, W. (Ed.). **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRANT, J. M. A voz é querer dizer e vontade de existência. *In*: **Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes**. 1ª edição. Prieto Produções Artísticas: Rio de Janeiro. 2011.
- BUSATTO, C. **A Arte de Contar Histórias no século XXI**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2011.
- BUSATTO, C. **Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.
- CAMINI, M. A. P., SANTOS, L. M.A. **A contação de histórias no contexto das novas tecnologias em sala de aula**. Disponível em: [Camini_Marcia_Andreia_Pizolotto.pdf](#). Acesso em 13 de fevereiro de 2021.
- CHEVALLARD, Y. **La Transposición Didáctica: del Saber Sábio al Saber Enseñado**. Buenos Aires: Aique, 1991.
- GIRARDELLO, G. Voz, presença, imaginação: a narração de histórias para crianças pequenas. *In*: **Infância: imaginação e educação em debate**. Celdon Fritzen e Gladir Cabral. Papyrus, 2007.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de Currículo e Autonomia Pedagógica: o socioconstrucionismo curricular em perspectiva** Petrópolis,RJ:Vozes,2013
- MACHADO, R. **Acordais: Fundamentos teórico poético da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.
- MATOS, G. A. **A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- ROCHA, V. M. **Aprender pela arte a arte de narrar: educação estética e artística na formação de contadores de histórias**. 2010. 200 f. 223. Tese (Doutorado em Artes). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SANTOS, E.; SILVA, M. O desenho didático interativo na educação on-line. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 49, p. 267-287, 2009.
- SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó, Argos, 2012.